

“Só uma palavra há-de exprimir”: um estudo da saudade através de princípios e métodos historiográficos

*Maria Clara Costa Pereira*¹

RESUMO

Neste artigo busco refletir sobre os usos do termo saudade expressos no jornal *A Tribuna* da cidade de Uberabinha/Uberlândia nas décadas de 1920 e 1930 em estreito diálogo com métodos historiográficos e princípios filosóficos que permitam problematizar pontos de encontro e desencontro entre história e literatura. Busco analisar ainda como a complexa experiência sentimental que perpassa diferentes discursos, por vezes em acordo e por vezes em discordância, aponta para a multiplicidade de sentidos com os quais os poetas jogam, através do termo saudade, ancorados em intuítos historicamente localizáveis. Este artigo se situa também neste embate, em especial por meio do enfoque na construção de atributos ora de ordem particular, ora de ordem universal em torno de um sentimento.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Escrita histórica. Saudade.

ABSTRACT

This article seeks to reflect the uses of the term ‘saudade’ expressed in the newspaper *A Tribuna* of Uberabinha/Uberlândia’s city in the decades of 1920 and 1930 in a dialogue with historiographic methods and philosophical principles that allow to problematize meeting and mismatch points between history and literature. Also to approach the complex sentimental experience that runs through different discourses, sometimes in agreement and in others in disagreement, pointing to the multiplicity of meanings with which poets play, by the term *saudade*, anchored in historically locatable purposes, so that this article is also situate in this conflict, especially through the focus on the construction of attributes sometimes of a particular order, sometimes of a universal order around a feeling.

KEYWORDS: Literature, Historical writing. Saudade.

¹ Maria Clara da Costa. Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). makla10@hotmail.com

*Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*²

Iniciar um ensaio historiográfico citando versos de Álvaro de Campos pode parecer deslocado, apelativo, ou melhor, até poderia parecê-lo, se os mesmos não se situassem no âmago das reflexões em torno dos fundamentos teórico-metodológicos do fazer histórico e filosófico e se se buscasse reforçar a concepção dicotômica, e até mesmo hierárquica, entre relato e poesia. O paradoxo poético entre o eu e o mundo, o singular e o transcendente, o ser e o não-ser, o nada e o tudo, extrapola a ordem do meramente eloquente e se situa no centro da problemática entre a teleologia da humanidade e a especificidade das coisas.

O que proponho é considerar a literatura não como uma estrutura estranha à narrativa histórica, não como um signo artístico ao qual uma aplicação científica de determinada metodologia lhe desvelaria os sentidos, mas como recurso linguístico, assim como a historiografia, de relacionamento (e nisto implica em acordos e tensões dinâmicos) entre seres, palavras e coisas.³ A partir desta abordagem buscarei intermediar o debate entre os princípios e métodos da historiografia em que a relação entre particular e universal se apresenta como espinha dorsal dos discursos, e a temática da pesquisa de mestrado da qual este ensaio faz parte, a saber, a problematização da eclosão nominalista da saudade através do jornal *A Tribuna*⁴ de Uberabinha/Uberlândia nas décadas de 1920 e 1930.

² CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria. In: *Poemas de Álvaro de Campos*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000004.pdf>>. Acesso em: jun/2017.

³ Uso da primeira pessoa no singular como recurso gramatical para evidenciar a existência interessada do eu que compõe o texto, com ideias, sentimentos e escolhas.

⁴ O periódico semanal *A Tribuna* circulou na cidade de Uberabinha, que em 1929 passa a se chamar Uberlândia, entre 1919 a 1944, ano em que Agenor Paes, diretor do jornal, morre, de forma que *A Tribuna* é retomada em 1946 sob nova direção e abordagem. Com exceção dos números em restauro, o periódico pode ser consultado no Arquivo Público de Uberlândia dentro das coleções *Jerônimo Arantes* e *A Tribuna*.

A proposta deste ensaio clama para si um lugar político do diálogo, compreendendo as particularidades das fontes enquanto ditos emergentes historicamente constituídos e constitutivos de uma totalidade discursiva que antes de ser homogênea e fixa é múltipla e dispersa. A composição narrativa através da qual os escritos do jornal serão articulados não se apega a uma ordem cronológica dos “fatos”, afinal o esforço não é de demonstrar um suposto desenvolvimento ao longo do tempo do que se entenderia como saudade. O que se encontra aqui é antes um gradual despir dos caminhos reflexivos que contornam questões sobre os jogos de qualificação de um sentimento; somente nestes termos retóricos que o encadeamento das fontes se compromete.

Universalidade?

saudades...
 Dizem que a saudade, espera
 a ausencia, para chegar:
 Eu tenho saudades tuas,
 Inda antes de te deixar!
 Vejo os teus olhos divinos
 que enchem de sonho meu ser,
 pensando já na tristeza
 que de não vê-los vou ter...
 E depois luz da minha alma,
 quando distante de ti,
 que saudade das saudades
 que antecipadas senti!...
 BRANCA DE GONTA COLAÇO⁵

Este é um dos muitos poemas publicados n’*A Tribuna* sobre saudade. A autora é uma poetiza portuguesa, e não é a única desta nacionalidade a ser mencionada no periódico, que constantemente nomeia jornais cariocas como fontes informativas de referência para o conteúdo publicado pela autodenominada imprensa sertaneja. Adianto que não estabelecerei aqui uma análise estética ou ancorada em uma estrutura qualitativa de versos, métricas, rimas e estrofes; atentarei antes para a interpelação ao individual

⁵ A TRIBUNA, N 1219, Ano XX, 25/06/1938.

e ao coletivo, em termos de saudade, que o poema faz. O título antecipa o enfoque temático dos versos que se referem a um entendimento do todo social da saudade na sua relação com a ausência do objeto amado, mas também se distancia deste lugar comum do sentimento por meio da expressão de uma saudade antecipada, vinculada ao amor romântico do sujeito-locutor.

Seria a saudade um sentimento produzido pelo desejo que se direciona a um objeto ausente - sendo isto de conhecimento geral - mas que tal objeto não necessariamente precisa estar em falta no presente? A potência de uma privação futura já é em si a fonte para a saudade, atributo revelado pela experiência individual? Não quero aqui explicar o poema, mas pensar o termo saudade dentro da grade discursiva que o engendra.

Seguindo ainda a reflexão, teria então a saudade um aspecto universal e particular? O conhecimento de um desses aspectos estaria atrelado ao outro? Buscarei problematizar tal questão considerando a saudade como uma construção discursiva histórica e não um dado natural, afinal seria possível saber o que é saudade por meio dos escritos que definem a saudade? Saber o que é algo, caracterizá-lo ontologicamente, é o mesmo que situá-lo dentro de um desejo de verdade que perpasse o tempo, tornando-o prova e o discurso processado e creditado socialmente tal qual uma promessa.

Paul Ricoeur alerta para este movimento que institucionaliza o testemunho por meio de procedimentos que revelem a suposta verdade da mentira imediatamente explícita (RICOEUR, 2007, pp. 170-175). Concepção historiográfica de matriz platônica que analisa a possibilidade de conhecimento do real, do verdadeiro, da essência em relação ao passado também discutida, por exemplo, por Benedictus de Spinoza e Giambattista Vico. Ambos os filósofos estabelecem princípios fundados numa relação estreita de saber entre o particular e o universal, no sentido de que o conhecimento de um compreende o outro e vice-versa.

Spinoza ao tomar Deus por natureza reforçando sua propriedade única de ser infinito, o coloca como causa exordial e final de uma caminhada humana, então, determinada pela vontade divina e passível de ser pensada por meio de uma lógica de nexos causal (SPINOZA, 2008). Vico, por sua vez, faz reforçar esta teleologia da humanidade atentando para seu progressivo desenvolvimento em termos de uma racionalização, cabendo à história a enunciação de tal processo, em contraposição à poesia que seria do domínio da imitação e não da verificação (VICO, 2005).

Tais ideias aparecem nos escritos historiográficos a partir do estudo, seja do que se denomina como fenômeno, evidência ou acontecimento enquanto parte de um movimento histórico mais amplo, cujos fins são tomados como pontos de partida naturais. Nesse sentido, reforçar um lugar social, cultural de um escritor ou um discurso, seu contexto enquanto limite intransponível de sua produção⁶, implica num pressuposto movimento linear da humanidade, que parte de um lugar para outro filosoficamente superior.

A saudade também se situa nesta teleologia de forma que aparece em diversos escritos existencialistas luso-brasileiros da primeira metade do século XX enquanto parte sentimental de uma essência humana⁷. Ideia presente, por exemplo, na obra de Eduardo Lourenço, filósofo português contemporâneo, que aponta para o movimento de mitificação da saudade na literatura lusitana. Lourenço busca reformular tal termo elevando-o a uma completude para além das fronteiras de Portugal ou, até mesmo, da interpretação histórica⁸, ao afirmar que “a saudade não é da ordem da representação, mas da pura vivência” (LOURENÇO, 1999, p. 33) e ainda “sob outros nomes, ou sem nome a saudade é universal, não apenas como desejo de eternidade, mas como sensação e sentimento vividos de

⁶ A incredulidade de François Rabelais defendida por Lucien Febvre e questionada por Jacques Rancière (2011), é um dado discursivo que parte da máxima indubitável da constituição de um contexto (naturalizado enquanto essência) a partir do qual os escritos e sujeitos (particulares) são explicados. O tempo é travestido como rótulo de possibilidade.

⁷ Acabei por adiantar tal ponto, porém os escritos d'*A Tribuna*, alguns dos quais aparecerão ao longo deste ensaio, auxiliarão no contorno desta questão.

⁸ O que contraditoriamente parece ser uma atualização da mitificação da qual o autor trata.

eternidade. Ela brilha sozinha no coração de todas as ausências” (LOURENÇO, 1999, p. 15).

O intuito do presente estudo não é de chegar a definições de saudade por meio de um respaldo filosófico, científico ou contextual, mas partir das mesmas para um movimento de desconstrução dos princípios de seus enunciados. Caberia então as seguintes perguntas: por que buscar definir a saudade? Por que modificar definições sobre a saudade? Como se dá a construção de sua definição? O que está em jogo é uma verdade da saudade? Com quais intuítos? A poesia, para além de uma oposição dada de princípio com o relato narrativo supostamente não mimético, não buscaria, assim como a historiografia, um regime de verdade? Tais questões serão continuamente retomadas no decorrer do texto, o que não impedirá o seu desenrolar, tal como a própria dialética da saudade descrita por Afonso Botelho; na relação permanente de movimento entre impulso do desejo e refluxo da lembrança... (BOTELHO, 1990).

SAUDADE

Este vaso, de perfume extinto,
abandonado embora,
recorda alguma coisa que passou.
Quando elle perfumava
(pensa se)
Todo esplendor de algum affecto
Pertubava.
Teria sido a alma da illusão,
o fogo da vertigem...
(O que sabemos?)
De tudo que encerrou só impéra,
agora uma lembrança.
Tão suave perfume
mal se evola.
Mas evoca alguma coisa...
Recorda.
Anima.
Um beijo?
Uma alcova?
Um desmaio de luz?
Um quer que seja á vida?
O que sera?
Seja o que for,

inspira uma saudade.
CHARLES ⁹

Este novo impulso traça a saudade no tocante da experiência humana de vivência da passagem do tempo, das transformações que acompanham um constante revisitar da memória fragilmente e disformemente evocada. Esta tessitura sentimental de uma inspiração saudosa despertada¹⁰ por aquilo que seriam vestígios, objetos de um pretérito cujo significado presente só se figura numa projeção daquilo que se ausenta, dá certo tom de universalidade ao sentimento, tal como uma angústia nominada e compartilhada.

A saudade toma forma num exposto desejo universal sobre seu conteúdo, tal como se, na experiência individual de sentir algo indescritível e na fragilidade da linguagem, o poeta¹¹ se limitasse a indefinida denominação de saudade, colocando a possibilidade de todo e qualquer ser, em tempos e espaços distintos, sentirem saudade, mesmo que tal termo não existisse. Não quero aqui entrar no mérito da discussão se a saudade é ou não universal, mas trazer à baila como esta perspectiva é recorrentemente trabalhada pelos escritos literários do jornal.

Um dos problemas de tais considerações pode ser desenvolvido à luz das reflexões do filósofo prussiano Immanuel Kant. Segundo Kant o conhecimento se dá na relação do objeto com a mente, o que ele denomina intuição, cujo um dos aspectos é a sensibilidade, direcionada para a capacidade de obter representações das coisas. Nesse sentido podemos dizer que para se conhecer a saudade é necessário considerar que a mente recebe representações da saudade, e isto se dá mediante a sensação provocada pela

⁹ A TRIBUNA, n° 900, Ano XVI, 05/06/1935.

¹⁰ Neste ponto, a proximidade do texto com a narrativa proustiana, de *Em busca do tempo perdido*, parece evidente. O tempo descontínuo, a memória involuntária, o acaso da recordação e a vivência plena de um fragmento perdido no inconsciente são elementos chave do sentimentalismo da coletânea do escritor francês Marcel Proust, publicada na primeira metade do século XX.

¹¹ E não apenas o poeta. Neste ensaio, os escritos literários tomam a dianteira do debate, porém a saudade está presente, com todo o seu halo inefável, em cartas, diários, letras de música (samba, fado...), túmulos, legendas de coroas de flores, discursos rituais, redes sociais, diálogos soltos em meio ao movimento de estações de trem, rodoviárias, aeroportos...

experiência empírica (ler um poema, por exemplo), de forma que este objeto conhecido pela empiria (saudades) é denominado fenômeno. Eis, então, que o conhecimento do fenômeno é sempre dado a posteriori. Porém, no âmago do exercício mental, o fenômeno é estruturado por intuições puras, ou seja, representações a priori, que precedem a experiência, mas que só existem no contato com o fenômeno empírico.

Kant está destaca a existência de estruturas cognoscentes anteriores a sensação que conduzem a organização de uma nova representação. As intuições puras seriam o tempo e o espaço. A saudade só existe porque parte de uma concepção sucessiva temporal, que em si é também calcada num pressuposto do tempo. Algo existiu e não existe mais, algo foi constatado e não se constata mais como o foi um dia em um determinado espaço. O fenômeno sentimental pode ser, então, pensado a partir de generalizações temporais e espaciais. Assim, definir a saudade enquanto universal é antes valer-se de conceitos transcendentais, o que é o mesmo que averiguar a inexistência do conhecimento empírico sem pressuposição, que por sua vez se manifesta somente na interpelação do fenômeno, caracterizando uma estreita interdependência ontológica entre ambos.

Neste viés, os seres do entendimento, denominados por Kant de números, referem-se a especulações futuras por meio de uma intuição intelectual e levam antes a pré-conceitos, não sendo passíveis de conhecimento. Esta é uma ruptura fundamental em relação aos princípios spinozistas, problematizando a desordem instaurada pela impossibilidade de conhecimento daquilo que será. A causa última da caminhada humana é aqui nula, a contingência existente e a saudade como essência sentimental do ser temporal um entrave, afinal sua universalidade só é possível enquanto parte do fenômeno, e não transcendendo a ele.

Todos os conceitos, e com eles todos os princípios, conquanto possíveis a priori, referem-se, não obstante, a intuições empíricas, isto é, a dados para a experiência possível. Sem isso, não possuem qualquer validade

objetiva, são um mero jogo, quer da imaginação, quer do entendimento, com as suas respectivas representações (KANT, 2010).

A descontinuidade filosófica do conhecimento do fenômeno, dentro de balizas dadas de início, e da imprevisibilidade do número, manifestada na teoria kantiana, coloca as determinações históricas em dúvida apontando para a possibilidade de liberdades para além de esquemas englobantes previamente estabelecidos.

Este problema central que parece contrapor teleologia da humanidade e especificidade das coisas é um dos pontos de encontro dos princípios históricos cuja matriz de reflexão não é contemporânea: há séculos é teorizada pelas ciências humanas e, no bojo deste movimento, relações entre particulares e universais são traçadas, seja no sentido de uma dependência, integração, hierarquização ou dissonância. Destaco o trabalho do historiador italiano Carlo Ginzburg sobre a vida de um moleiro, Domenico Scandella (Menocchio), do século XVI (GINZBURG, 2006). O indivíduo estudado (particular) toma ares especiais ao se contrapor às instituições normativas que parecem encarnar o próprio “contexto histórico”, questionando-o e modificando-o. A ideia em torno das liberdades pessoais transgredindo as determinações impostas tende a não questionar o processo pelo qual norma e desvio são construídos como tais. Voltarei à saudade para estimular esta questão.

Saudade

A minha cara Brasília

Saudade – doce vocábulo – doce pronuncia que suavemente se destina nos lábios.

Saudade, bela expressão unicamente bela, sem rival! Não há em língua alguma um outro termo que exprima tão bem, tão precisamente, - esse – da língua do grande épico português.

Os estrangeiros, por mais que busquem nas suas páginas originais um equivalente á *saudade*, todavia não encontram. Os americanos do norte invejam a beleza e doçura desta dicção. Os italianos confundem-se e, embalde, invocam à sua imaginação o desejado rival para esse treslado. Os franceses com o seu *souvenir*, segundo parece, aproximam-se mais da nossa palavra em questão, quer na suavidade de pronuncia, quer na forma.

Saudade - afirmação essa incomparável a outra, que traduz tão pura e claramente um sentimento; que absoluta e subtilmente se exprime.

Haverá, pois, entre os mortais quem nunca experimentou a sensação doce e, não obstante, pungente e esmagadora da *saudade*?

Muita das vezes, este sentimento transporta-nos a novos mundos; envolve-nos em ternas carícias. Outras vezes, esta mesma emoção esmaga-nos a alma e cobre-a de luto.

Qual é coração de mãe que jamais deixou de gemer *saudade* á lembrança do ente querido que partiu para não mais voltar? Onde o coração que jamais gelou á presença da *saudade* de seus dias idos?

Todos os corações estão, sim, contaminados dessa enfermidade frequente. O próprio irracional sente, também, *saudade*. O monstro sofre *saudade*.

Portanto, *saudade* – bela em si própria, sublime, significativa, dolorosa outrossim, sobressai dentre todos os outros idiomas pela sua sedutora particularidade.

Antonieta Villela¹²

Tomei a liberdade de suspender temporariamente os versos, o que não exclui o teor poético das fontes deste ensaio, em especial de “Saudade” de Antonieta Villela¹³. Esta escritora tem diversos textos publicados nas folhas *d’A Tribuna* que indicam sua luta política em torno dos direitos das mulheres e de conscientização para o movimento feminista, assim como aborda também temáticas existencialistas.

O texto acima reproduzido, cujo título o aproxima dos dois poemas já aqui referidos, parte do termo *saudade* na sua consagrada especificidade linguística portuguesa para lhe atribuir tradução pura e clara de um sentimento, e por sentimento, o pressuposto de uma condição humana de experiência do estar no tempo é reforçado na ideia de que todos sentem *saudade* (“todos os corações estão, sim, contaminado dessa enfermidade frequente”), encontrando na universalidade sentimental a dita sedutora particularidade da *saudade*.

¹² A TRIBUNA, Ano III, 20/11/1921.

¹³ Gostaria de fazer um adendo ao debate em torno do texto, no que diz respeito a sua dedicatória. A referida Brasília, em 1921, não é a presente capital do país, ouso supor que autora tratava, antes, da atual Brasília de Minas, na época denominada Vila de Brasília, que em 1923 passa a se chamar Brasília. Caberia ainda refletir como dedicar um texto, cujo eixo é a *saudade*, para um lugar, no caso, uma cidade, abre um leque interpretativo no que tange a relação do indivíduo com o espaço urbano, perpassando pertencas e distanciamentos, bem como as transformações arquitetônicas, os desejos de cidade e desejos na cidade, para pensar nos termos de Andreas Huyssen (2014).

O aporte reflexivo deste debate sobre o processo de construção discursiva da saudade é fugaz na medida em que reforça a particularidade e a universalidade do sentimento e ao mesmo tempo os correlaciona. O princípio seria o de que o conhecimento da saudade na sua particularidade (enquanto elemento linguístico de uma cultura, uma identidade) levaria ao conhecimento da sua universalidade (sentimento da essência humana, para além de fronteiras)? Tal como o princípio em torno do qual discorre Spinoza, Vico e tantos outros filósofos e historiadores?

Gostaria antes de pensar a partir de outras grades conceituais. Na lógica de pensamento cartesiana tal problema pode, inclusive, aparecer como um entrave tendencioso a ser negligenciado, porém no intuito de mergulhar nas contradições expressas e desconstruir os supostos “lugares sociais” previamente dados, entendo que a complexidade do discurso aponta para a não homogeneidade das estratégias de fala nas fontes, afinal elas não dizem somente uma coisa a partir de uma demarcação datada, conceituada e resolvida. Neste ponto do debate teórico-metodológico, Michel Foucault aponta as seguintes considerações em torno dos discursos: “Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas” (FOUCAULT, 1998, p. 97).

A perspectiva do filósofo francês se dá em contraposição à tradição platônica, incluindo os princípios spinozistas¹⁴, que entende a compreensão do mundo a partir de algo dado, estático e transcendental, tal como Deus, por meio de uma concepção de que as coisas são determinadas pela vontade deste ente maior. Foucault considera uma rede de inter-relações transpassadas por um poder que está sempre em movimento, perspectiva

¹⁴ A reflexão de Foucault se aproxima de certos problemas colocados por Kant, como em relação às teleologias, reforçando o conhecimento no estudo a partir das coisas e não as encaixando em generalizações (tal como em analogia ao Leito de Procusto). Esta aproximação não se dá por acaso, afinal Foucault foi um estudioso do pensamento de Kant, e busca uma metodologia de pesquisa pelas vias da desconstrução dos pressupostos, das desnaturalizações sob uma perspectiva de descontinuidade histórica.

esta que permite considerar o acaso, bem como a complexidade das liberdades pessoais atuando nos jogos de poder e nos processos de objetivação e subjetivação, para além das teleologias calcadas em explicações causais simplificadoras e pressupostos tomados de antemão. A desnaturalização dos enunciados expondo o processo pelo qual são construídos, os intuitos envolvidos, os desejos de poder e de verdade, as resistências e atualizações da normatividade, rompe com os as concepções transcendentais.

Até onde causa e efeito podem explicar a multiplicidade de sentidos que um discurso, e nesse viés, um sentimento expressa? O jogo social não é um jogo ganho ou estático, os discursos nos permitem observar as tensões entre aquilo que se deseja enquanto norma e o que se deseja contra a norma. Nesse sentido, compreendo que Saudade dialoga com o esforço normativo de atribuir à saudade o elo perdido das angustias humanas, mas também reforça parte de seu aspecto cultural. Antes de ser contraditório, este movimento atua como uma estratégia discursiva, articulando poder em definir um saber que encontra prazer¹⁵ na objetivação, que ora confronta ora se alia a demais estratégias na construção de uma arqueologia da saudade.

Ora, como Saudade contribui para a definição de saudade? O enfoque do texto já é em si sua localização em um movimento múltiplo, no qual os jogos de poder em torno de uma definição são a própria significação da saudade como lugar de embate, como o ideal indescritível no qual projetos para o futuro e críticas para o passado se misturam. O recurso a elementos que fazem referência a uma ordem do particular e do universal saudoso é uma estratégia discursiva que atua dentro do debate sobre a mística do sentimento, exercendo seu desejo de poder, saber e prazer em falar da

¹⁵ A tríade foucaultiana entre poder-saber-prazer aponta para o eterno dinamismo das práticas das quais emergem, como lampejos, os ditos, também complexos e dinâmicos. Nas palavras do filósofo francês: “Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir” (FOUCAULT, 1988, p. 45). A saudade é, pois, também jogo de poder, desejo de verdade, prazer em reafirmar e criticar estratégias. Defini-la, e até mesmo tratar dela (o que aqui faço), é entrar na ordem do discurso se valendo da função desta tríade.

saudade. Afinal, atribuir a uma identidade linguística a heurística de um afeto humano (ou, inclusive, mais do que humano, pois até mesmo o monstro sente saudade) é defender-lhe uma posição privilegiada em relação à alteridade.

Particularidade?

No movimento de ora corroborar com os esforços normativos, ora transgredi-los, a saudade ganha visibilidade e se torna cada vez mais polêmica. A impossibilidade de sua tradução e seu uso em meio a diversas circunstâncias promoveu a busca sobre suas origens, temática esta com qual me deparei diversas vezes entre fontes e bibliografias. Uma de suas aparições foi por meio das palavras de Osvaldo Orico publicadas em 1939 n’*A Tribuna*, um ano antes da publicação de seu livro *A saudade brasileira*.

A palavra saudade desfruta uma situação privilegiada no vocabulário da língua. Uma vasta literatura, tanto em Portugal, como no Brasil, vem concorrendo para fortalecer-lhe o prestígio, acentuando o valor de sua significação, a magia do seu sentido. Tão poderosa é a influencia que ganhou na sua acepção, que passou a constituir um idiotismo da língua, orgulho vocabular de que se desvanecem portugueses e brasileiros, aqueles, por uma tradição de muitos séculos, estes, por uma continuidade de sangue e sentimento.

Embora Peregrino Junior houvesse proposto que a expulsássemos do nosso dicionário pelo pieguismo do seu conteúdo, a palavra saudade mantém hoje, como ontem, vivo e alto o seu domínio no idioma, aumentando, à proporção que passa o tempo, a sua aureola e o seu encanto.

De onde vem ela? Como surgiu? Que significa?

Constitui, até hoje, problema linguístico a sua origem. Não por falta de explicações. Ao contrario. Justamente pelo excesso delas é que não se pode ainda fixar precisamente a fonte de onde o vocábulo deriva.

O testemunho dos glotólogos, dicionaristas e demais estudiosos da língua é variável e contraditório. Para Bluteau, a raiz está em *soidão*, de onde se derivou *soidade*, termos que ainda hoje se usam fielmente entre a plebe da península e que Camões empregou alternadamente com saudade.

Garrett entendia que ela vinha obliquamente do latim – *solitude* – e que passando por *solidão*, *soidão*, *soledade*, *soidade*, chegasse a forma vigente, conduzindo a significação essencial, “o desejo melancólico do que

se acha na solidão, ausente, isolado dos objetos por que suspira, amigos, amante, pai, filhos, etc..”

Passando em revista as diversas opiniões sobre as fontes do vocábulo em um interessante estudo publicado na “Revista de Philologia Portuguesa”, o professor Julio Pires entendia que, melhor estudada sua etimologia, era no substantivo latino *solitatem* que lhe deviam fixar a origem, através das formas *suidade*, *soidade*, *soedade*.

Gonçalves Vianna apresentou e dona Carolina Michaelis de Vasconcelos defendeu o étimo, visto que a derivação até antes aceita não obedece às regras da evolução fonética, “pois que, si – *oi* e – *ou* – se podem originar de – *au* – não é normal – *au* – se derivar de *oi*. Baseado nisso e em certos documentos, pretende a douta romancista que de “*saude* das *saudações* e das *saudades* à antiga (e talvez de desejos de saudades enviadas e tomadas) é que saíram as *saudades* modernas em que ha parte de tudo isso: da saúde desejada aos ausentes; das *saudações* com eles trocadas; da sensação de *soedade*, *soidade*, *suidade*, provocada pelo afastamento; e do desejo de única salvação possível”.

[...]

O. ORICO¹⁶

O texto de Orico é, na integra, extenso. O que apresento é sua primeira metade, na qual o autor trata da dita situação privilegiada da saudade na língua portuguesa, o que reforçaria o encanto, a magia de seu sentido, característico tanto de uma literatura de Portugal como do Brasil, colocando então o problema, ou melhor, o mistério de suas origens. A partir de então o autor dialoga com diversos escritores e estudiosos do tema¹⁷ para mostrar a multiplicidade de abordagens atribuídas às raízes do termo, em especial aquelas que provem do latim (*soidão*, *soidade*, *suidade*, *soedade*, *solitatem*, *saúde*) e do árabe (*suade*, *saudá*, *suaida*), de forma que todas estabelecem relações próximas com a ausência e a melancolia¹⁸.

Neste documento a saudade aparece enquanto objeto particular de estudo, porém, além de colocá-la em evidência reforçando a visibilidade do debate em torno dos seus significados, o autor busca pensar neste

¹⁶ A TRIBUNA, N 1322, Ano XXI, 27/07/1939.

¹⁷ Bluteau, Garrett, Julio Pires, Gonçalves Vianna, Carolina Michaelis, Catulo Cearense, João Ribeiro, Veiga Carvalho e Rebello Gonçalves.

¹⁸ A relação entre saudade e melancolia é outra questão polêmica de discussão, pois por mais que se aproximem recorrentemente, existe um esforço em diferenciar ambas (assim como também em relação à nostalgia). O já referido filósofo português Eduardo Lourenço (1999) por meio do estudo do uso do termo entende que o real conteúdo cultural da saudade é uma espécie de *melancolia feliz*. Ora, entendendo que aproximar e distanciar são também estratégias discursivas buscando estruturar seus saberes dentro dos embates de poder.

sentimento pelo viés de uma teleologia evolutiva, ou seja, este pequeno exercício filológico da saudade parte de uma representação fundamentalmente histórica da constituição do objeto, da coisa. Daí a referência, por exemplo, ao cuidado em obedecer às *regras da evolução fonética* para desvendar as derivações constitutivas do termo. Esta é, segundo Foucault, uma das características da *episteme moderna*.

O filósofo francês, em seu livro *As palavras e as coisas* enfrenta a difícil questão em torno da diferenciação entre as ciências humanas do período clássico em relação ao período moderno, apontando para um movimento de ruptura da *episteme ocidental* a partir dos séculos XVII e XVIII, de forma que este conhecimento epistemológico é, para Foucault, a condição de possibilidade de um saber. Daí os conceitos de *episteme clássica* e *episteme moderna* referindo a formas constitutivas de conhecimento antes e depois, respectivamente, destes séculos.

A proposta do autor em torno desta ruptura datada é de pensar a história da constituição de um saber, uma história, pois, arqueológica, com enfoque nos mecanismos de funcionamento que tornaram possível um conhecimento e, dessa forma, analisar o campo epistemológico a partir das descontinuidades e pensar os dispositivos geradores de tais quebras. No seio deste movimento se encontra a representação. Esta, na *episteme clássica*, se dá pelas vias da diferenciação, ou seja, por meio de classificações pautadas em identidades e diferenças e a centralidade da classificação se encontra no sujeito observador, fixado. Já na *episteme moderna* a representação ganha tons históricos, de forma tal que o ser humano passa a ser, além de sujeito observador, objeto de observação¹⁹ e sua constituição (passada, presente e futura) passível de explicação.

Elas [as ciências humanas] reconduzem sub-repticiamente as ciências da vida, do trabalho e da linguagem, para o lado dessa analítica da finitude que mostra como pode o homem haver-se, no seu ser, com essas coisas

¹⁹ O que Foucault denomina reduplicação.

que ele conhece e conhecer essas coisas que determinam, na positividade, seu modo de ser (FOUCAULT, 1985, p. 371).

Nesse viés, a saudade é objeto modelado pelo homem, para o qual este se volta enquanto observador, mas também criador, dentro de uma lógica de transformação linear e causal, em que os termos se ligam numa cadeia evolutiva e explicativa. A emergência da saudade também corresponde a anseios próprios de uma vontade de verdade deste sujeito epistemológico moderno, agente e objeto de suas meditações, porém não de uma forma fechada, afinal o texto termina sem uma resposta para as origens do termo, justamente pela multiplicidade de possibilidades colocadas pelos usos, em circunstâncias distintas, da saudade.

O estudo da especificidade da coisa (saudade), no caso do documento, atua como elemento parte de uma caminhada teleológica humana, de forma que se mantém o problema da crítica em torno dos meios pelos quais se dão o conhecimento, vinculado à sensibilidade empírica, em que a contingência não só é possível como elemento condicionante de manifestação das palavras e das coisas. Particularidade e universalidade são, pois, articulações discursivas estratégicas, passíveis de localização histórica e reflexo de práticas. O encadeamento de uma para a outra não direciona uma fórmula mágica capaz resolver os impasses das ciências humanas, que dirá da saudade, mas aponta para uma arqueologia que torna possível o surgimento de saberes.

A saudade, incluindo os desejos de verdade que a perpassam, permite pensar como esta arqueologia é complexa e por vezes parece estar de ponta-cabeça; suas origens e significados podem seguir diferentes caminhos, porém, ainda assim, compreendo um esforço em relacionar sentimento humano e designação linguística portuguesa a partir desta terminologia. A busca das origens pode ser, nesse sentido, entendida como um exercício para encontrar a peça-chave que ligue ambas as instâncias.

Uma questão que acredito não poderia passar despercebida é, ao inverso do encantamento da mística saudosa, a crítica ao uso, por assim dizer, indiscriminado da saudade. Ora, o texto de Orico expressa discursos que apontam para o *idiotismo* e *pieguismo* do termo, colocando em pauta, inclusive, sua expulsão do dicionário. A repreensão é também parte do movimento de falar da saudade, talvez, o outro lado da moeda do desejo de verdade, uma possível vontade de não-saber (FOUCAULT, 1988, p. 55) que, na constatação de impossibilidade da fixação, fala da saudade para sepultá-la. Sepultamento sem nome e parentesco, mas que ainda assim trata da mesma moeda que opera sob o signo da emergência polêmica da saudade. Seguirei com a exposição das fontes no contorno de tal questão, dessa vez, por meio das palavras do poeta português Antero de Figueiredo²⁰:

A saudade Portuguesa

Será a saudade portuguesa uma nostalgia antiga que as nossas almas ternas herdaram dos marinheiros que iam nas caravelas da Índia e deixavam os seus em aldeias, estremenhas, minhotas beiroas ou para de trás os montes?

Será este apego a gostar sò do que é seu e cujo afastamento logo causa nostálgicas dores, um gasto romanticismo amolentador da vontade, peando quem precisa e deve de palmilhar o mundo para o conhecer e conquistar?

Será um entorpecedor quebranto que nos açapa numa porção limitada da Terra, como concha colada ao seu penedo, ou como torrão contumaz no seu buraco, fazendo do mundo inteiro unicamente aquele bocadinho em que se vive?

Será pernicioso sedentarismo? Será individualismo estreito, confinado em curto horizonte, onde o espírito se não lhe dilata, por não se renovar o ar respirado? Será inaptidão para a desconfortabilidade que, por vezes as viagens apresentam? Será pobreza da alma restrita de simpatia? Será impotência de amor universal? Será incapacidade de expansão humana? Será uma alma em estacionamento de Tempo e em quedamento obstinado de Espaço?

Antero de Figueiredo²¹

²⁰ Optei pela referência ao nome "Antero", ao invés de "Anthero", pois, apesar de no jornal *A Tribuna* estar assinado com "h", em demais obras, inclusive no periódico *América Brasileira* em que o mesmo texto se encontra publicado, o nome do escritor português aparece como "Antero de Figueiredo".

²¹A TRIBUNA, N 277, Ano VII, 02/02/1925.

O autor deste texto encantador foi um escritor português nascido no ano de 1866, em Coimbra tendo falecido na metade do século XX. Escreveu livros e publicou textos em periódicos, sendo que dentre eles se encontra “*A saudade portuguesa*”. Este mesmo escrito foi publicado pelo jornal carioca *América Brasileira*²² um ano antes d’*A Tribuna*; talvez, teria sido este o intermediário para sua aparição em Uberabinha. Afinal, os ditos de saudade não se restringem a um jornal específico, por mais que este ensaio tenha elegido um enquanto fonte.

O texto não traz nenhuma afirmativa do que seja a saudade, porém todas as perguntas apontam para definições possíveis, não de uma saudade universal, mas de uma situação sentimental específica de um processo histórico característico de uma identidade nacional. A saudade adquire um tom especial, é a saudade portuguesa, delineada dentro de um campo de possibilidades; seu aspecto particular já está antecipado no próprio título. Esta particularidade é, assim como no texto de Orico, investigada dentro de uma construção representativa fundamentalmente histórica. Ora, esta característica (saudade) portuguesa não seria resultado, tal como uma resposta de resistência sentimental, de um movimento necessário, quase que missionário, de expansionismo geográfico? Esta parece ser uma tese central que perpassa as problemáticas de Antero de Figueiredo²³.

Tal perspectiva pode ser encarada como um resgate e atualização dos princípios spinozitas, como, por exemplo, faz Friedrich D. E. Schleiermacher. Segundo o filósofo, o conhecimento se dá na da relação entre o particular e o universal do qual faz parte, de forma que a compreensão de uma fala (singular) se estabelece com base no cenário

²² *América Brasileira: resenha da actividade nacional*, Rio de Janeiro, Anno III, 03/1924, n. 27, p. 78. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/060059-13>>. Acesso em junho/2017.

²³ E não só no texto deste autor. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, historiador brasileiro, por exemplo, também levanta tal questão nos seguintes termos: “Esse drama coletivo da partida de pessoas com as quais se mantêm vínculos afetivos e existenciais parece dar origem a uma espécie de luto coletivo, pois a presença da morte nessas viagens era também uma constante. Essas experiências que eram, ao mesmo tempo, individuais e sociais, constituíam, podemos dizer, uma verdadeira escola de como sentir saudade, elas nos parecem mobilizar verdadeiras pedagogias do sentir saudoso” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 161).

histórico e linguístico (geral) no qual está inserida. Assim, seria possível saber o que é saudade por meio de um estudo do “contexto histórico” do autor que trata deste sentimento (SCHLEIERMACHER, 2005).

Se o contexto histórico é tão significativo para a definição e compreensão do sentimento, por que teria a saudade uma emergência por meio da imprensa sertaneja na cidade de Uberabinha? Existiram aqui situações de *luto coletivo*, nos termos de Albuquerque Junior, para que a saudade se manifestasse? Ou fora, simplesmente, *por uma continuidade de sangue e sentimento*, como escreve Orico, que brasileiros sentiram e denominaram a saudade? Ora, qualquer que seja a explicação, esta partirá de um fim tomado de antemão e mais uma vez o Leito de Procusto se ergue no exercício teleológico da história.

Não quero aqui detratar as propostas de reflexão em torno das origens do termo ou até mesmo da experiência a qual ele se refere, mas apontar para os princípios que fundamentam estas reflexões, problematizá-los. “A *saudade portuguesa*” por mais que se esforce em lhe delinear um campo ontológico específico é reproduzida no Brasil, no Rio de Janeiro e em Uberabinha, em meio a um bojo de literaturas sobre o sentimento; uma apropriação interessada que agrega mais adjetivos à saudade, no caso, uma saudade que parece paralisar e resistir às transformações.

Saudade?

Saudade universal? Saudade particular? Saudade portuguesa? Saudade brasileira? Saudade mito? Saudade identidade? Saudade romântica? Saudade antecipada? Saudade projetada? Saudade indescritível? Saudade intraduzível? Saudade intrínseca? Saudade vocábulo? Saudade feliz? Saudade melancólica? Saudade fúnebre? Saudade paralisante? Saudade resistência? Seria possível estabelecer várias saudades por meio dos apontamentos feitos até então, mas a questão que compreendo como principal desta visibilidade múltipla é que não existe uma saudade real, ou

melhor, todas as formas de saudade são reais. Não há uma dicotomia entre o sentimento, a poética “imaterial” e uma experiência sentimental “concreta” capaz de transparecer na linguagem.

Este *cacoete lyrico*²⁴, por vezes incompreensível, emerge justamente para encarnar o não fixo, que por vezes é tentado a se fixar, mas logo foge a esse exercício, se enraizando em outros terrenos, voltando a se deslocar e assim... a saudade se constitui. As pedagogias do sentir saudoso, nos termos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, antes de serem resultado de um contexto, são como instrumentos e efeitos dos ditos saudosos, apontam para existência de *escolas de como sentir saudade* de muitas linhas, que ora se aliam ora se contrapõem umas às outras (JÚNIOR, 2013). Dessas linhas pude perceber um movimento no qual a saudade é ao mesmo tempo terminologia própria de uma identidade linguística, mas cujo conteúdo se refere a algo de mais transcendental, um signo do afeto da essência humana que vive a angustia da passagem do tempo. Entre as perspectivas teleológicas e de especificidades da saudade, um mar de crochê é tecido literariamente, e deste mar, para finalizar, apresento o último nó, fonte que inspira o título deste ensaio.

O meu bilhete
 “Uma palavra”.
 Querida,
 si eu
 te pudesse escrever mandar-te ia “Uma
 palavra”.
 Este poema começa
 assim:
 “Si eu te pudesse escrever,
 “o que não foi possível
 “dizer-te em prosa,
 “em vez dos assumptos vários
 “ou dos tersos
 “período solitários
 “de uma carta,
 “profundos e submersos

²⁴ Esta expressão em referência à saudade retirei de um texto, de Cleomenes Campos, intitulado *Poesia*, também publicado no jornal *A Tribuna*, número 799, em 6 de junho de 1934.

“do sentimentalismo de um amante
 “eu te diria apenas
 “que – distante
 “só uma palavra há-de
 “exprimir-te o que soffro:
 Saudade”.
 João²⁵

Saudade! Esta é a senha para entrar no jogo político de definições, significados, origens, saberes e prazeres de um lugar literário específico. Não há outra palavra para exprimir o que a saudade exprime, nem mesmo um ensaio calcado numa tradição historiográfica, por vezes dita científica, poderia abarcar os sentidos deste sentimento, porém ainda assim o faz, a partir de uma dessas múltiplas linhas saudosas, cuja fixação só é possível no diálogo com demais.

O pseudônimo que assina o poema reafirma a impossibilidade descritível da saudade às avessas; não se pode dar o seu sentido mais preciso, mas ela exprime justamente aquilo que o detalhamento é incapaz. A verdade do sentimento que não existe enquanto uma, mas sim em suas formas mais diversas. Este nada que é ao mesmo tempo tudo da saudade, em diálogo com a citação de Álvaro de Campos que abre este trabalho. Como se o próprio sentimento, por meio dos escritos, não fosse nada, não quisesse ser nada, não pudesse ser nada, mas tivesse em si todos os sonhos do mundo. É, pois, na incapacidade de explicar a saudade, mas sendo plenamente explicado por ela, se situando na ordem de seu discurso, que este ensaio se encerra.

Fontes

Arquivo Público de Uberlândia

A Tribuna, Uberabinha, Ano III, 20/nov/1921, n. 1??. Coleção *Jerônimo Arantes*, número de ordem: 37.

²⁵ *A Tribuna*, Uberlândia, Anno XVI, 24/abr/1935, n. 888. Coleção *A Tribuna*, número de ordem: 15.

A Tribuna, Uberabinha, Ano VII, 02/fev/1925, n. 277. Coleção *Jerônimo Arantes*, número de ordem: 47.

A Tribuna, Uberlandia, Ano XV, 06/jun/1934, n. 799. Coleção *A Tribuna*, número de ordem: 14.

A Tribuna, Uberlandia, Ano XVI, 24/abr/1935, n. 888. Coleção *A Tribuna*, número de ordem: 15.

A Tribuna, Uberlandia, Ano XVI, 05/jun/1935, n. 900. Coleção *A Tribuna*, número de ordem: 15.

A Tribuna, Uberlandia, Ano XX, 25/jun/1938, n. 1219. Coleção *A Tribuna*, número de ordem: 19.

A Tribuna, Uberlandia, Ano XXI, 27/jul/1939, n. 1322. Coleção *A Tribuna*, número de ordem: 20.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d'Oliveira. *Revista História Hoje*, vol. 2, n.º 4, p. 149-174, 2013. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/95>>. Acesso em: jun/2017.

BOTELHO, Afonso. *Da saudade ao saudosismo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Ministério da Educação, 1990. (Biblioteca Breve, vol. 118).

CAMPOS, Álvaro de. *Poemas de Álvaro de Campos*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000004.pdf>>. Acesso em: jun/2017.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUYSEN, Andreas. A nostalgia das ruínas. In: CAPISTRANO, Tadeu (Org.). *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*.

Tradução de Vera Ribeiro. 1ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014, p. 91-114.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.

LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (Org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: ed. da UNICAMP, 2007.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica e crítica*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VICO, Giambattista. *Ciência nova*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.